

Um arquitecto no cerco de Mazagão (1562): o capitão Isidoro de Almeida¹

Na architect in the siege of Mazagão (1562): captain Isidoro de Almeida

Luís Costa e Sousa

CHAM-Centro de Humanidades, NOVA/FCSH)

Resumo

Na segunda metade de século XVI, os engenheiros militares afirmam-se como os grandes especialistas no domínio da fortificação e artilharia, pelo seu conhecimento da geometria e matemática. Isidoro de Almeida foi um deles. Veterano das guerras de Itália, viu-se envolvido num vasto leque de actividades, nas vertentes prática e teórica. Em suma, o típico humanista de guerra de meados do século. Em 1562 estava em Tânger a supervisionar as obras na cidade, e iria desempenhar um papel crucial no grande cerco de Mazagão (1562), e terminaria a sua vida no fim da primeira expedição do rei D. Sebastião a Marrocos (1574).

Palavras-chave

Arquitectura militar, guerra, século XVI, Mazagão, Isidoro de Almeida

Abstract

Sixteenth century military engineers established themselves as fortification and artillery leading experts, thanks to their knowledge of geometry and mathematics. Isidoro de Almeida was a Portuguese military engineer, a veteran of the Italian wars and therefore familiar with the emerging european military inno-

1 Este artigo é uma versão revista do texto *E logo foram chamar o Capitão Isidoro de Almeida*: Um algarvio, entre a arquitectura e a guerra, in “O Algarve na Primeira Globalização – Coletânea de Estudos”, ed. R. M. Loureiro, Faro: DRCA, 2023, pp. 141-154.

vations. His work developed in a wide range of activities, both practical and theoretical; in short, he was the typical mid-century humanist of war. Almeida was in Tanger supervising construction works, when the great siege of Mazagão took place. He played a pivotal role in the defence of this european-style fortified city, and would end his life at the start of King Sebastian's first expedition to Morocco (1574).

Keywords

Military architecture, war, XVI century, Mazagão, Isidoro de Almeida

Introduction

Conhecer os protagonistas das alterações que se manifestaram no domínio da teoria e prática da guerra europeia nos séculos XV e XVI é um trabalho imprescindível, mas que continuará sempre incompleto. No caso específico português, novos estudos² sobre os fortificadores portugueses desta cronologia fundamental, Juntaram-se ao trabalho de investigadores consagrados como Rafael Moreira ou Margarida da Conceição Tavares. Um dos vultos mais importantes que surgiu no Portugal desta época, Isidoro de Almeida, tem permanecido quase incógnito. Apenas muito recentemente surgiram novos dados que deixam conhecer alguns passos cruciais da sua biografia³, e permitem desenhar a grande amplitude da intervenção deste notável arquitecto, engenheiro militar, e capitão do Renascimento português.

O espaço entre a arte e a guerra

A guerra do Renascimento possuiu tanto de continuidade como de ruptura. Ao mesmo tempo que a tradição da Antiguidade Clássica foi recuperada durante o *Quattrocento* e *Cinquecento*, as inovações tecnológicas impuseram-se no campo de batalha: a “nueva ciencia de l’artilleria” e o traçado angular das fortificações revolucionaram a guerra. É assim que, consolidadas estas inovações bélicas, a partir da segunda metade do século XVI que novos protagonistas se afirmam como os

2 A propósito de Francisco de Arruda, v., Francisco Bilou, “Miguel de Arruda, entre Évora e Estremoz. Novos documentos (1532-1562)”, in *Boletim do Arquivo Distrital de Évora*, n.º 3, Setembro de 2015, pp. 53-57.

3 Rita Sampaio da Nóvoa, *O Arquivo Gama Lobo Salema e a produção, gestão e usos dos arquivos de família nobre nos séculos XV-XVI*, Tese de doutoramento, 2016 e Rui Manuel Mesquita Mendes, in <https://www.facebook.com/lisbonandgreatestremadura/posts/872745928223960>

grandes especialistas no domínio da fortificação e artilharia. Pintores e arquitectos, geómetras e matemáticos como Piero de La Francesca, Fillippo Bruneleschi, Francesco di Giorgio Martini, os Sangallo, ou Niccollò Tartaglia, herdeiros da tradição clássica da agrimensura, conhecedores dos métodos da cartografia, e inventores do método da perspectiva, intervêm de forma definitiva na guerra. O domínio das novas formas *científicas* de representação do real, conferiu a um largo conjunto de indivíduos – aparentemente, movimentando-se longe da cruenta realidade do campo de batalha – competências fundamentais. Fosse a geometria e matemática necessárias ao cálculo de trajectórias dos projecteis da artilharia pirobalística, ou o domínio da geometria euclidiana, estes homens alteraram a imagem do campo de batalha quinhentista: forjaram o inovador traçado geométrico das fortificações modernas abaluartadas, e desenvolveram uma estética muito particular às formaturas militares da época.

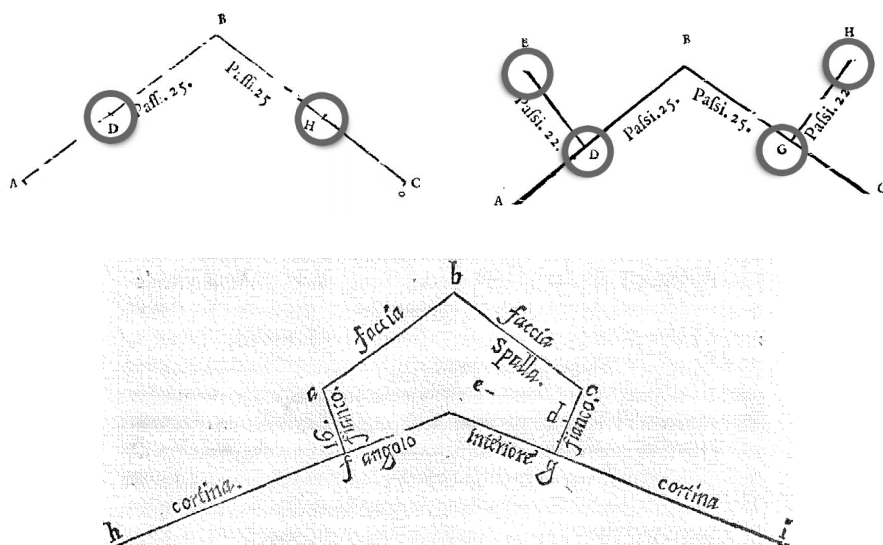


Figura 1: Construção geométrica de um baluarte, Girolamo Cataneo (1571) e Giacomo Lanteri (1557)

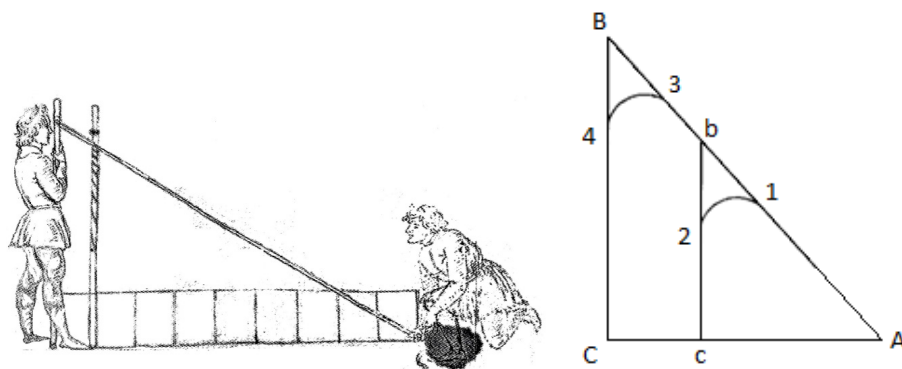


Figura 2: Relação de semelhança entre triângulos para calcular a altura de um edifício segundo Leon Battista Alberti, *Ludi Matematici* (c. 1451), e trajetórias balísticas de dois projectéis com o mesmo ângulo de inclinação e cargas diferentes, segundo A. R. Hall (1952).

Na prática, os exércitos europeus do século XVI passaram a contar com estes especialistas, que se encarregavam não só das operações de cerco, mas também do traçado dos acampamentos militares, e mesmo da organização das formaturas de batalha. Giorgio Paleari Fratin e Giovan Batista Antonelli, por exemplo, acompanharam o exército espanhol durante a guerra de anexação de Portugal em 1580. Antonelli foi o autor do primeiro tratado sobre castrametação – o desenho dos acampamentos – que acrescentou a realidade do século XVI à tradição clássica de Políbio, a principal fonte da antiguidade neste aspecto fundamental da arte militar europeia.

Durante a campanha militar que levou à integração de Portugal na coroa espanhola, Antonelli fez jus a uma carreira militar iniciada em 1551, e que passou pelos teatros de operações mais exigentes a época: Itália, Flandres, França e, mais tarde, no Norte de África. Foi esta experiência que, por volta de 1561, verteu no *Epitomi Delle fortificatione moderne*, e que o levaria a propor-se integrar o exército do duque de Alba, oferecendo “a notícia que tengo de la tierra, y de las cosas de la guerra, y en particular de alojar un ejército”⁴. Oferta plenamente justificada, já que foi graças à sua “notícia” sobre “as cosas de la guerra” que caíram as fortificações mais importantes que defendiam a região de Lisboa, pri-

4 Antonelli, Giovan Battista, *Epitomi delle fortificatione modern*, ed. Mario Sartor, Udine, Forum, 2009, p. 33.

meiro o forte do Outão, e depois a “cabeça do reino de Portugal”, a fortaleza de São Geão (S. Julião da Barra).

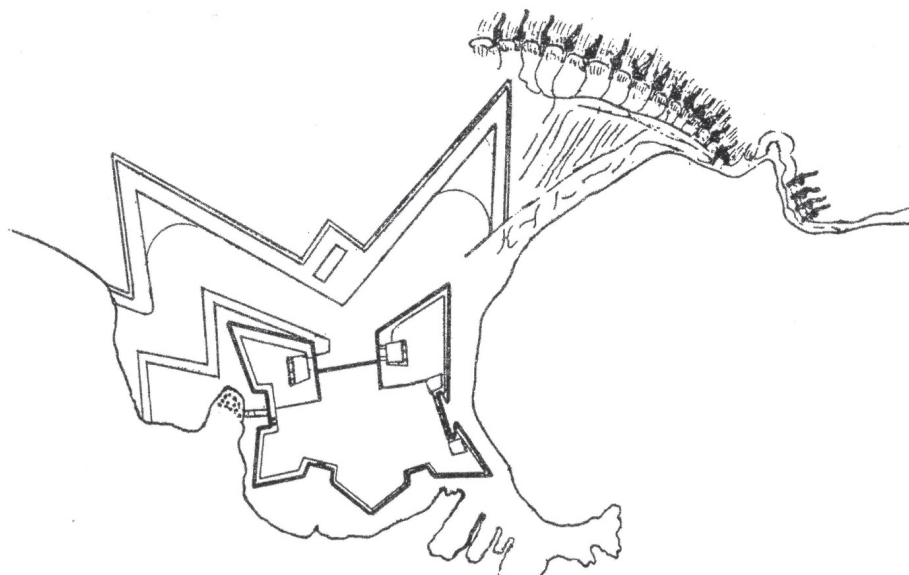


Figura 3: Cerco da fortaleza de S. Julião da Barra), desenho de Giovan Batista Antonelli (c.1580)

Em Portugal, repete-se este padrão, embora sem a pujança de Itália, centro artístico e científico do Renascimento. Todavia, também encontramos famílias, como os Arrudas que preencheram todo o século XVI movendo-se entre a arquitectura civil e militar; os Frias e os Nunes, estes últimos menos conhecidos, já na segunda metade do século. Mas também surgiram indivíduos activos nos vários ofícios da guerra, sobretudo na segunda metade de Quinhentos, como Inofre de Carvalho, António Mendes ou António Rodrigues. Destes, destaca-se Isidoro de Almeida como um dos principais portugueses “italianizados” em plena corte joanina, verdadeiro humanista da guerra que se dedicou a obras de fortificação e de arquitectura civil, e à respectiva produção teórica. E na segunda metade do século, já com o rei D. Sebastião, revela uma apetência pela organização do campo de batalha, que seria resultado da interacção com os seus pares de Itália.

O Algarve de além-mar, fronteira do reino português

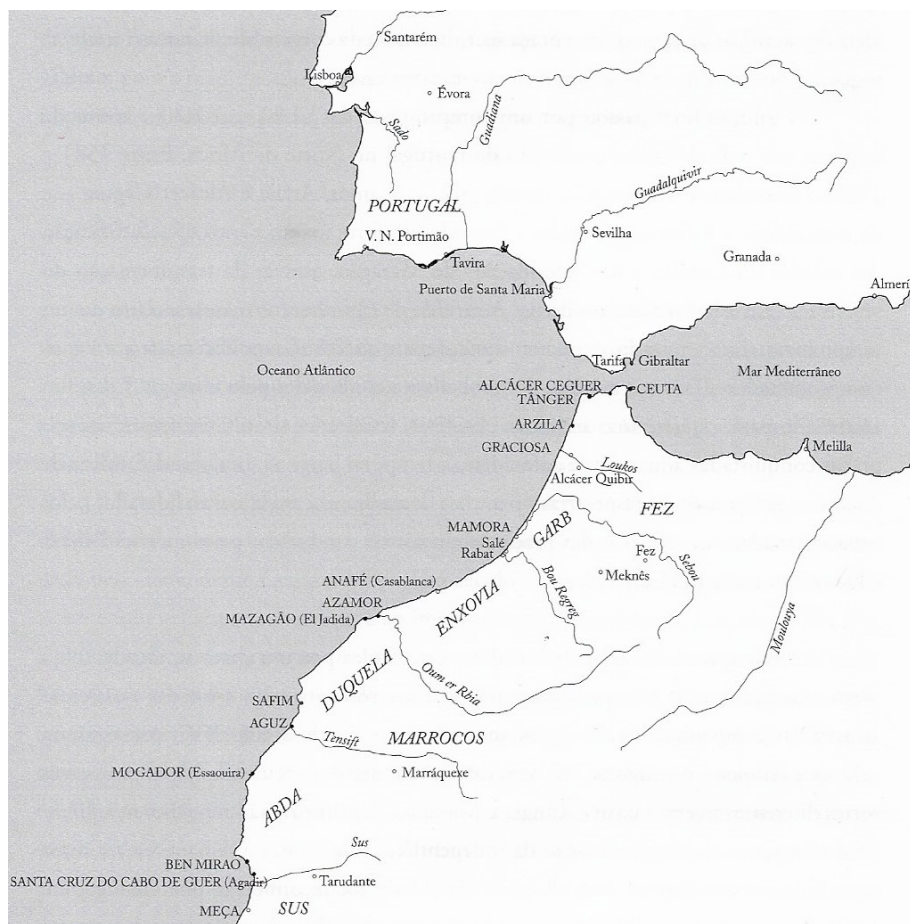


Figura 4: As fortalezas portuguesas em Marrocos, Jorge Correia (2008).

Com a conquista de Ceuta em 1415, os portugueses iniciaram a sua longa permanência em Marrocos. A defesa desta cidade acabou por exigir o estabelecimento de uma cintura defensiva, alargada paulatinamente ao longo de várias décadas. Inicialmente começou pela tomada de Tânger, conquistada depois de várias tentativas frustradas, e que foi alargada a Alcácer Ceguer e Arzila. Durante a época manuelina a presença dos portugueses atingiu o seu máximo, dominando quase todas as principais entradas fluviais da costa ocidental. Na primeira década do século XVI, uma extensa rede fortificada dividia-se em dois núcleos

destinados a dominar as duas principais cidades, Fez e Marraquexe. As praças do Norte eram, Azamor, Arzila, Tânger, Alcácer Ceguer, Ceuta; as praças do Sul, Mazagão, Safim, Aguz Santa Cruz do Cabo Guer.

No início do século XVI surgiu uma nova dinastia na região a sul de Marraquexe. Durante as primeiras quatro décadas afirmaram e consolidaram o poder nesta região, cujo ponto alto foi a conquista de Santa Cruz em 1541. Sem meios para defender um espaço tão amplo, os portugueses abandonaram a maioria das antigas posições, deixando assim espaço para os sápidas rumarem para norte. Em meados do século, Mohammed as-Sheik unificou o reino de Marrocos com a conquista de Fez ao último sultão Oatássida.

Os portugueses subsistiram em Ceuta e Tânger a norte, e Mazagão a sul, cujas fortificações foram extensamente reformuladas, dotadas com um traçado moderno abaluartado⁵. Vários engenheiros militares estiveram envolvidos Benedetto de Ravena, italiano ao serviço da coroa espanhola, mas frequentemente requisitado para trabalhar em Portugal, é o mais conhecido de todos os que participaram nesta longa campanha construtiva que se estendeu por várias décadas na vasta geografia do espaço português, incluindo o território continental europeu. Vários portugueses acompanharam Ravena, tornando-se depois autónomos no gizar das soluções. Isidoro de Almeida foi um deles: um beirão⁶ “italianizado” veterano das guerras de Itália de 1542-46, conhecedor das inovações que aconteciam nos campos de batalha da Europa, teórico autor de um manual militar – outra das áreas de actuação dos engenheiros/arquitectos militares -, eventual tradutor do tratado de fortificação de Dürer⁷. Foi membro das “juntas” de técnicos encarregados da inspeção e melhoramento dos sistemas fortificados existentes em Portugal, nomeadamente nos Açores - forte de S. Sebastião de Angra⁸ e, eventualmente,

5 V., entre outros: Rafael Moreira, *A construção de Mazagão: cartas inéditas 1541-1542*, Lisboa, IPPAR, 2001; Jorge Correia, *Mazagão: A última praça Portuguesa no Norte de África*, Lisboa, Colibri, 2007; João Barros Matos, *A Fortaleza de Mazagão: bases para uma proposta de recuperação e valorização*, dissertação mestrado, Universidade de Évora, 2001.

6 Rui Manuel Mesquita Mendes, *op. cit.*

7 Margarida Tavares da Conceição, *Da cidade e fortificação em textos portugueses (1540-1640)*, Paris, Nota de Rodapé, p.247, n.592.

8 O desenho desta fortificação, com forte vínculo à arquitectura militar italiana do início do século XVI (como a *Fortezza Medicea* em Poggio Imperiale), terá sido reproduzida em Fez (c.1584). A propósito deste primeiro surgimento da fortificação “à europeia” no Norte de África, v. Luís Costa e Sousa, *Os arquitectos cativos. emergência da fortifi-*

S. Brás, na ilha de S. Miguel -, e na cidade de Tânger⁹. Era aqui que Isidoro de Almeida se encontrava, quando Rui de Sousa Carvalho, capitão interino de Mazagão, soube que a cidade iria ser cercada por um grande exército; “E logo foram chamar o Capitão Isidoro de Almeida, que dava ordem a todas as coisas de fortificação”¹⁰.

A cidade de Mazagão

Mazagão é um dos exemplares mais próximos das propostas teóricas de arquitectura militar do renascimento. De configuração quadrangular irregular, segue o traçado estabelecido pelos irmãos Sangallo no início do século XVI, e que seria extensamente divulgado pela tratadística quinhentista: o quadrado, reforçado com baluartes angulares nas “quinas” – que podia assumir a forma pentagonal, verdadeiro cânone da fortificação.

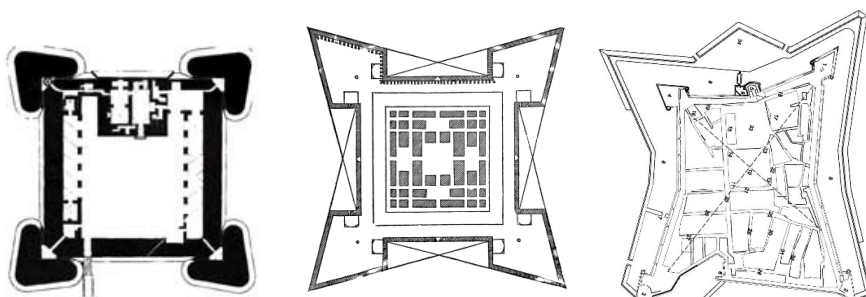


Figura 5: Forte Sangallo, Nettuno (irmão Sangallo, 1501-3), Pietro Cataneo (1554), Mazagão (Benedetto de Ravena, 1541)

cação europeia no Marrocos de finais do século XVI, E-Strategica: Revista de la AIHM (siglos IV-XVI), ISSN-e 2530-9951, Nº. 4, 2020, págs. 87-106, <https://dialnet.unirioja.es/revista/25339/A/2020>.

- 9 Terá sido no decurso das obras de edificação da cidadela de Tânger que se cruzaram Isidoro de Almeida e o mestre de obras desta cidade João Nunes, que seguiu na expedição de 1578 com o filho *Jerónimo Nunez engenheiro* (*Crónica do xarife Mulei Mahamet e D'el-Rei D. Sebastião*, Lisboa, Europress, 1987, p. 168); João Nunes regressou a Portugal, mas o seu filho Jerónimo Nunes teria falecido em Marrocos (Sousa Viterbo, *Dicionário histórico e documental dos arquitecto, engenheiros e construtores portugueses*, v. 1, Lisboa, INCM, 1988).
- 10 John R. C. Martyn, *The siege of Mazagão. A Perilous Moment in the Defence of Christendom Against Islam*, Peter Lang, New York, 1994, p. 90.



Figura 12: O dispositivo defensivo de Mazagão durante o cerco de 1562 (LCS, sobre desenho de Jorge Correia)



Figura 6: Assédio de uma cidade fortificada, Gabriello Busca (1585)



Figura 7: O baluarte do Espírito Santo visto pelo lado do mar, 2019 (foto LCS)



Figura 8: O baluarte do Espírito Santo visto pelo lado de terra, 2019 (foto LCS)

O cerco iniciou-se a 4 de Março de 1562. Embora a cidade estivesse completamente cercada pelo lado de terra, o abastecimento e reforço fazia-se pelo mar, portanto a defesa era assegurada pelas fortíssimas

muralhas. Porém, existia um ponto fraco no ângulo sudoeste, defendido pelo baluarte do “Espírito Santo”. De facto, o fosso não estava terminado, talvez devido á dificuldade de consolidar a escavação pela proximidade do mar, ou pela existência de algum afloramento rochoso. Assim, foi em torno deste ponto da muralha, defensivamente fragilizado, que se deram os combates mais violentos.

A defesa de Mazagão

O cerco durou três meses, Isidoro de Almeida e outros dois portugueses, Francisco da Silva e Cleofas Gil, estiveram envolvidos nas principais operações defensivas que ocorreram: contra-bateria, contra-mina, e defesa dos assaltos. As operações de contra-bateria desenvolviam-se como resposta ao bombardeamento das fortificações. Atacar as muralhas à distância é uma realidade com séculos de história, mas a utilização de artilharia “pirobalística” – isto é, aquela que se serve da pólvora para lançar o projectil, mudou a face da guerra. A generalização destas armas é uma das principais características da guerra a partir do século XV, e provocou uma alteração de fundo dos sistemas fortificados existentes. A adopção da *trace italienne*, termo muitas vezes usado para designar o novo tipo de fortificação surgido durante os séculos XV-XVI, combinava a adequação da configuração das muralhas para resistir a este novo tipo de poder de fogo, ao mesmo tempo que optimizava a utilização da artilharia defensiva em função das trajectórias balísticas dos canhões.

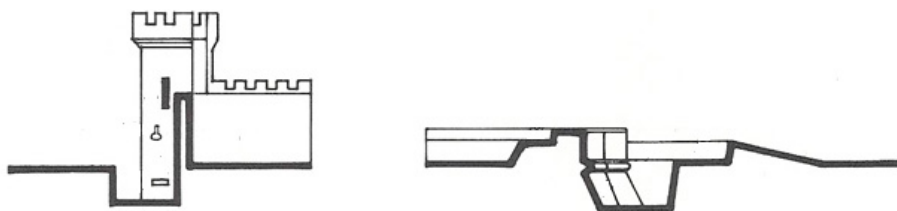


Figura 9: As silhuetas das fortificações medievais e modernas, Simon Pepper (1986).

O exército sádida de 1562 tinha vários comandantes europeus – três “elches”¹¹ espanhóis foram nomeados “engenheiros” do campo - que uti-

11 O “elche” era uma designação recorrentemente utilizada na época para os cristãos convertidos ao Islão. V. António de Saldanha, *Crónica de Almançor, sultão de Marrocos (1578-1603)*, estudo crítico, introdução e notas por António Dias Farinha, Lisboa, IICT 1997.

lizaram métodos de cerco europeus. O bombardeamento da cidade fazia-se com dois canhões de grande calibre. Estavam colocados num forte construído em terra, com cerca de 100 metros de frente e 4 de altura, protegido por dois baluartes, e com guarnição de 300 espingardeiros. Depois de um mês de bombardeamento contínuo, o baluarte do Espírito Santo estava parcialmente derrubado. Era necessário neutralizar os canhões inimigos para dar lugar ao reforço do baluarte.

No dia 13 de Abril, Isidoro de Almeida fez colocar quatro canhões “meios-camelos”¹² em posição. Aberta uma escavação sob a traseira dos reparos, as peças podiam disparar “à maneira dos trabucos”, isto é, efectuar fogo indirecto por cima das muralhas, ao contrário daquilo que hoje se designa por “tiro tenso”¹³. Almeida estudou o posicionamento das peças, e o cálculo das trajectórias em função da carga explosiva (v. figura 2), para o qual terá utilizado um instrumento especializado, o “quadrante”. Depois de algumas salvas, as peças dos sitiante foram neutralizadas, e os defensores puderam reparar o baluarte.

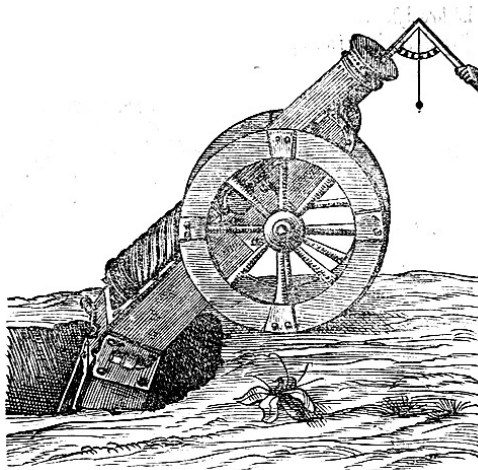


Figura 10: Maximização do alcance de um canhão, “à maneira de trabucos”, e utilização do quadrante para o cálculo da distância e trajectória, Nicollò Tartaglia (1546).

12 O meio-camelo disparava um projectil de pedra. Para uma síntese sobre a tipologia das peças de artilharia quinhentistas, v. Nuno José Varela Rubim, *A defesa costeira dos estuários do Tejo e do Sado desde D. João II até 1640*, Prefácio, Lisboa, s. d.

13 O tiro indirecto faz-se com a peça colocada com uma elevação elevada, enquanto o tiro tenso se faz com inclinação próxima de 0°.

A minagem de fortificações era também conhecida desde há largos séculos. Escavavam-se túneis até às fundações da muralha, para abrir galerias, depois para provocar a derrocada de uma secção. Lançava-se, depois, o assalto pela brecha. As operações de contra-mina dirigiam-se contra estes túneis e galerias abertas pelos sitiantes. Entre os defensores, sabia-se que, inevitavelmente, os sitiantes iriam abrir túneis de minagem, como era prática comum. No início do mês de abril ouviram-se os primeiros ruídos das escavações. No dia 12 de Abril, os “cabouqueiros” chefiados por Francisco da Silva iniciaram a contra-mina. No dia seguinte já se sentia uma forte trepidação por debaixo do baluarte do Espírito Santo, o que indiciava que a contra-mina não tinha conseguido interceptar a escavação. Isidoro de Almeida tratou de colocar várias cestas com ovos para determinar a direcção exacta do túnel inimigo. No dia 15 os dois túneis encontraram-se, cerca de 2 metros dentro do baluarte. Um grupo de soldados desceu ao subsolo, e a noite passou-se na expectativa. No dia seguinte teve lugar um combate feroz. Os portugueses tomaram a iniciativa, e romperam a parede que separava as duas galerias. Introduziram-se logo os arcabuzes pela abertura, e pouco depois ruía a parede. Enquanto se lutava ferozmente à luz das tochas, no subsolo alagado, Francisco da Silva abriu um novo túnel que penetrou no flanco da galeria inimiga, decidindo o combate.



Figura 11: Lançamento de um túnel de minagem com recurso à triangulação, Gabriello Busca (1585).

Resistir aos assaltos era tarefa dos soldados que ocupavam as muralhas, divididos em “estâncias” comandadas por um capitão. A 24 de Abril deu-se o primeiro assalto generalizado às muralhas. Durante a manhã, a fortaleza foi bombardeada, e uma força de diversão foi colocada perto do baluarte de S. Sebastião, oposto ao do Espírito Santo. No início da tarde os sitiantes atacaram pelo fosso, que, depois de mais de um mês de cerco, se encontrava entulhado, facilitando a escalada dos assaltantes. Os engenheiros militares desempenharam um papel determinante na contenção destes ataques. Isidoro de Almeida ordenou que se fizessem explodir 10 barris de pólvora previamente colocados na galeria da mina. A explosão fez ruir o solo já instável pelas várias escavações. Os assaltantes perderam o ímpeto, e o assalto gorou-se.

Entre os dois grandes assaltos gerais que ocorreram no final do cerco, teve lugar algo que se pode designar por um duelo construtivo. Os sitiantes procuravam subir o parapeito do forte de sítio, frente ao baluarte do Espírito Santo, enquanto os sitiados respondiam com o alçamento do que restava desta estrutura. Os “cabouqueiros de ambos os lados prosseguiram com este duelo, sem vencedor aparente, até 30 de Abril. Neste dia deu-se novo assalto, que Isidoro de Almeida novamente fez deter com outra explosão das galerias no subsolo, agora despoletada por 19 barris de pólvora. Finalmente, a 7 de Maio os sitiantes retiraram depois de incendiar o acampamento; terminava o cerco de Mazagão.

No fim da vida

Regressado de Marrocos, Isidoro de Almeida dedicou-se à arquitetura civil. Está documentada a participação nas obras na capela-mor de São Domingos de Coimbra e, eventualmente, nas obras de remodelação do claustro do convento da Graça de Lisboa¹⁴, a execução da capela-mor do convento de São Domingos de Coimbra¹⁵, e a capela de São Domingos no convento de Campolide, local onde deveria ser sepultado¹⁶. Voltou á guerra em 1572, novamente enviado para Marrocos, mas desta vez

14 Hipótese levantada por Rafael Moreira, cf. v. Luís Costa e Sousa, *E logo foram chamar o Capitão Isidoro de Almeida*: *Um algarvio, entre a arquitectura e a guerra*, in “O Algarve na Primeira Globalização – Coletânea de Estudos”, ed. R. M. Loureiro, Faro: DRCA, 2023, pp. 141-154.

15 Maria de Lurdes Craveiro, *O Renascimento em Coimbra*, Tese Dissertação de Doutoramento, F.L.U.C., 2002.

16 Rita Sampaio da Nóvoa, “Chapel of Isidro de Almeida Campolide, 1572”, in <https://www.vinculum.fcsh.unl.pt/entail-of-the-month/chapel-of-isidro-de-almeida/>.

em missão de reconhecimento. Regressou a Portugal no ano seguinte, com a saúde muito debilitada, muito provavelmente em resultado desta missão. Este facto não o impediu de publicar em Évora o seu “Quarto livro das instruções militares”, tratado que será uma referência no ainda pouco estudado panorama da tratadística militar portuguesa. Parece evidente que Isidoro de Almeida continuava envolvido no círculo do poder, tanto mais que a sua experiência militar seria muito apreciada e solicitada pelo belicoso rei D. Sebastião.

Isidoro de Almeida terá estado envolvido na preparação da expedição organizada pelo recém-nomeado “Capitão-Governador Donatário” de Angola, Paulo Dias de Novais¹⁷. O nosso arquitecto não embarcou na frota de Novais, que saiu de Lisboa a 23 de Outubro de 1574, porque se encontrava com o rei em Marrocos. De facto, está documentada a sua participação na primeira *jornada* de D. Sebastião ao norte de África, como se lê no relato da expedição redigido pelo próprio rei¹⁸.

Ainda mal refeito das provas das missões de 1572, Isidoro de Almeida viria a falecer no decurso desta campanha. Desaparecia uma das figuras maiores da arte militar portuguesa no século XVI, que se movimentou com à-vontade pelo tríptico da arte militar quinhentista – a “nuova scinentia de l’artilleria”, a fortificação, e a “arte de esquadronar”—, e que melhor representa o humanista da guerra de meados do século. O tempo era agora de especialização, os fortificadores e tácticos iriam ter a palavra definitiva. Terminava, assim, uma era durante a qual Arte e guerra estiveram de mãos dadas, numa relação tão improvável como frutuosa.

17 Rui Mesquita Mendes, *op. cit.*

18 Sebastião (de Portugal), *Relação da primeira jornada que fez a África no ano de 1574 o serenissimo rey D. Sebastião, escrita pelo mesmo príncipe*, in “Memórias para a história de Portugal, que compreendem o governo de D. Sebastião”, Lisboa, Joseph Antonio da Sylva, v. 4, 1736-1752, pp. 1-53.